

QUANDO A GENTE ANDAVA AO 'MENÉRIO'



Ficha técnica

Organização: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Geopark Naturtejo da Meseta Meridional - Geoparque Europeu e Global, sob os auspícios da UNESCO

Coordenação: Eddy Chambino e Carlos Neto de Carvalho

Concepção: Eddy Chambino, Carlos Neto de Carvalho, Paulo Longo, Joana Rodrigues

Museografia: Paulo Longo

Textos: Eddy Chambino, Carlos Neto de Carvalho, Joana Rodrigues

Fotografias: Carlos Neto de Carvalho, Joana Rodrigues

Restauro: Ana Poças e Maria Galante

Concepção gráfica: Ra Atelier, Layer Design & Impressão

Imagem: Layer Audiovisuais

Edição de Imagem: Layer Audiovisuais

Montagem: Serviço de Apoio ao Auditório e Espaços Expositivos: Nuno Capelo.

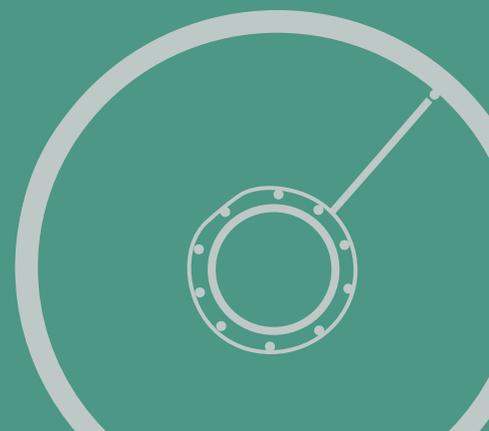
Agradecimentos: Francisco Silva (Presidente da Junta de Freguesia de Proença-a-Velha), Proençal – Liga de Desenvolvimento de Proença-a-Velha, José Pires, João Esteves, Maria do Nascimento, Maria Ribeiro, Ti Efigénia (Proença-a-Velha)

MEMÓRIAS MINEIRAS DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA O CASO DE PROENÇA-A-VELHA

PROENÇAL
LIGA DE DESENVOLVIMENTO DE PROENÇA-A-VELHA
SALÃO POLIVALENTE

9 de Fevereiro a 31 de Março

Sobre a exposição que agora se apresenta, refira-se que esta é fruto de um amplo projecto de trabalho interdisciplinar, iniciado de forma contínua a partir de 2009. Trata-se de um projecto onde o “filão” é agora a memória e as paisagens que por esta via se assumem como eixos centrais de trabalho. Uma das ideias principais que esteve na base desta exposição partiu precisamente da necessidade de mostrar, dar a ver, trazer para o espaço da partilha esses mesmos universos das memórias das gerações que viveram com proximidade estes tempos conturbados do “menério”. Neste segundo ciclo, iniciado em S. Miguel de Acha, a exposição segue uma viagem aos tempos do “minério” pelas freguesias com maiores vestígios de actividade mineira. Depois das Medelim segue-se agora Proença-a-Velha, percorrendo depois, Salvaterra do Extremo, Rosmaninhal e Segura, onde a exposição se irá reconfigurando com as paisagens e memórias de cada local.



Resenha histórica da actividade mineira em Proença-a-Velha

A exploração de minérios de ferro, estanho e volfrâmio decorreram em Proença-a-Velha, como em outras aldeias raianas com um carácter predominantemente artesanal ou semi-industrial. Em Proença-a-Velha os primeiros registos de descoberta de minas datam de 1873 e estendem-se por 101 anos, num total de 53 com o predomínio para as zonas que vieram a ser declaradas concessões formais: 405-Carvoeira, 826-Fonte da Oliveirenta e 1152-Senhora da Granja “mina de galena de chumbo argentífero em Granja”. A exploração, quando efectivamente realizada, utilizou técnicas primitivas de exploração dos solos, semelhantes àquelas utilizadas na região desde, pelo menos, o período Romano: arregaçamento da terra arável em valas espaçadas 20 m umas das outras, perpendiculares aos ribeiros, e lavagem em caleiras e bacias da aluvião mineralizada com 10 a 50 cm de espessura, localizada até 2 m de profundidade junto à rocha.

A mina da Carvoeira foi declarada pelo Visconde de Castelo Novo em 1904 e transmitida para a Sociedade “Les Mines Reunies”, com sede em Bruxelas, tendo sido abandonada a 23 de Janeiro de 1923. Esta mina, como muitas outras minas de volfrâmio da região, é alvo dos interesses da Alemanha Nazi.

O concessionário da mina da Fonte da Oliveirenta, Carlos Alberto Salgueiro, de Setúbal, requere em Maio de 1941 guia especial para transporte de 500kg de volframite, com um valor de 50000\$00, apesar das autoridades terem dado conta que esta mina nunca produziu desde que foi formalizada em 1916. No período áureo da febre do ouro negro, quando 1kg de volfrâmio valia 1000\$00 no “mercado paralelo”, 1 kg de estanho valia quase 100\$00 e a jorna na lavoura era paga a 10\$00, muitos proencenses se viraram para o minério (de estanho) à falta de trabalho, entre meados da década de 30 e finais da década de 50. No levantamento contra a ocupação pelos apanhistas de Bemposta de baldios de Proença é referido que se juntaram mais de 100 proencenses armados. De resto, os problemas com a guarda do posto de Medelim eram frequentes, atendendo à dimensão do negócio na zona e aos donos das terras que procuravam tirar partido deste. Outra forma de legalizar o negócio do minério foi a instalação em Proença-a-Velha de uma das 18 “separadoras”, ou oficinas de preparação e separação de minérios, construídas no distrito de Castelo Branco. Como se sabe na aldeia estes “fornos” pouco trabalharam e dedicaram-se desde logo à compra de minério. Com a falência do Grupo Mineiro-Silvícola no pós-Guerra, a mina da Carvoeira ficou, contudo, nas mãos de um dos seus directores que permaneceu em Portugal, Carl Thöbe, que ainda a arrendou em 1973 a outra empresa mineira sua entretanto criada, as Minas do Zêzere, SARL.

Património Geomineiro: domínio informal

O passado mineiro de Proença-a-Velha assume, quer pela via documental, quer pela via das memórias individuais e colectivas, uma dimensão notável. Sobretudo no que concerne aos períodos relativos à exploração de estanho (1930-60). Permitindo-nos desta forma, devido à sua relativa proximidade temporal, ainda reunir no espaço urbano da aldeia alguns dos seus principais protagonistas e testemunhas, assim como alguns dos principais lugares centrais no contexto da formalidade e informalidade mineira (antigas empresas, casas de compradores de minérios, etc).

São memórias que retratam um espaço e um tempo onde o sentido do local e do translocal se cruzam e entrelaçam de forma labirintica através de redes criadas em torno dos negócios do minério (formais e informais). Traduzindo de forma exímia todo um importante património imaterial condensado em maneiras de pensar, gestualidades, formas de linguagem próprias, modos de organização, práticas e respectivos saberes relacionados com a exploração de minério.



João Esteves



Maria do Nascimento



José Pires